

O I CONGRESSO NACIONAL DA J. U. C.



Dois acontecimentos notáveis de sentido espiritual marcaram já, em Lisboa, esta semana. O primeiro foi a cerimónia da bênção dos lugares bacalhoeiros, na Praça de Afonso de Albuquerque, sob o sol claro e amigo da manhã de Domingo.

Encheu-se de bandeiras o Tejo das caravelas que continua a ser o rio das grandes lágrimas e das grandes alegrias. A presença do Chefe do Estado significou o interesse da Nação pelo destino dos pescadores que vão expor a vida em águas longínquas e perigosas, entre montanhas de gelo e ameaças implacáveis de temporais. Por detrás dos valentes marinheiros, estavam outras tantas famílias confiadas aos seus cuidados e à modestia das suas economias. Estavam ainda todos os portugueses para quem os homens do mar são sempre figuras merecedoras de respeito e de carinho.

No momento da bênção aos barcos, quinze mil pombos abriram no céu casto e sereno as asas alvorçadas e irrompeu num hino de glória um coral de duzentas vozes. Foi um momento augusto ao mesmo tempo de saudade e de esperança. Poucas vezes o Tejo das estrofas camonianas terá parecido tão largo e tão épico nas suas ondas históricas onde ressoam de noite e dia clamores de apoteose e gemidos de angústia. Agora virão os meses duros da faina ao longe. Virão as desilusões e as surpresas. Mas alguma coisa não há-de vir nunca: o desalento na luta ou o desespero da Distância. Vasco da Gama ensinou a navegar, não ensinou a ter medo das vagas.

O segundo acontecimento foi a sessão inaugural do I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica, em que participam estudantes dos vários institutos científicos do país e alguns estrangeiros.

Encheu-se à cunha o mais amplo recinto do Instituto Superior Técnico, em que não faltaram gloriosas insígnias académicas. Os universitários católicos portugueses demonstraram que são capazes de acompanhar, sem receios, os movimentos intelectuais do nosso tempo.

Foi-se a época das chorosas melancolias. Principia a resplandecer o poema das marchas heróicas. Porque marcha heróica é a formosa aventura dos universitários católicos, agora reunidos num Congresso que, segundo o seu próprio lema, é uma presença, e presença que, como disse o Senhor Cardeal Patriarca, pretende edificar um novo mundo, não na escravidão, mas na liberdade, na alegria, na paz, na bondade, no Verdade, no Amor.

Para os universitários católicos, também a vida é uma navegação. Também para eles, como para os homens dos lugares, há uma Terra Nova a demandar, sem que o risco das tormentas faça parar, em pleno oceano, as naus do Espírito. Erguem-se ao vento velas e estandartes. Com bons pilotos e arrais experimentados, com uma estrela em cada mastro e uma palavra do Evangelho a arder em cada alma, será cada vez mais puro nos seus ritmos e mais vibrante nos seus ecos o poema das marchas heróicas.

DE JOELHOS NA SÉ DE LISBOA



O Sr. Arcebispo de Milene e dois jucistas no momento do ofertório da Missa de ontem na Sé de Lisboa

Uma larga representação de estudantes universitários católicos se concentrou em Lisboa, desde 4.ª-feira, para a celebração do seu Primeiro Congresso Nacional que está a realizar-se com tanto brilho. São em número de alguns milhares os congressistas, que muito se notam por onde passam com o distintivo usado na lapela, — uma cruz e uma candelária em chama, símbolo da fé que anima e norteia a mocidade intelectual católica de Portugal.

Depois da imponente sessão de abertura, ontem foi propriamente o primeiro dia de trabalhos.

Começou por onde devia começar, de joelhos na Sé, a render homenagens a Deus e a implorar a sua bênção.

Pouco depois das 8 horas, os estudantes de ambos os sexos dirigiam-se para a velha Catedral. Os grupos aranzavam-se àquela hora com os que iam iniciar o seu dia de trabalho. E não

se diga que não havia naquele encontro um significado transcendente de verdade e de responsabilidade: — os intelectuais, a buscar em Deus a luz e força que os há-de transformar em condutores do povo no caminho da justiça, do direito e da verdade.

Tudo calma, concentração e espiritualidade

São 9 horas. A Sé patriarcal estava repleta de jovens.

Alguns professores ocupavam lugares reservados. Impressionante. Nem um movimento. Tudo calma, concentração e espiritualidade. Ao microfone, o sr. dr. Pedro de Andrade preside às orações da manhã. Voz timbrada que todos escutavam e seguiam atentos, de joelhos. Depois, todos de pé, e logo outra voz recita alto o *Veni Creator Spiritus*. E, uníssono, todos

(Continua na 3.ª página)

NAS REUNIÕES PLENÁRIAS

FORAM NOTÁVEIS AS TESES DOS

Dr. Guilherme Braga da Cruz e Eng. Manuel Correia de Barros

As 11 horas, efectuou-se no Instituto Superior Técnico a primeira reunião plenária de trabalhos.

Salão literalmente cheio. Nos cadeirais da frente tomaram lugar os Senhores Arcebispo-Bispo de Coimbra e Bispo do Porto,

Presidiu o sr. Prof. Dr. Manuel Gomes da Silva, da Faculdade de Direito de Lisboa, ladeado pelas sr.ªs D. Maria Glna Nunes da Silva, D. Maria Pinto da Silva, dr. Padre Domingos Maurício dos Santos, dr. Padre António Rodrigues, Manuel Paulo Marques.

A sessão começou com a invocação do Espírito Santo feita pelo sr. dr. Domingos Maurício dos Santos. Falou o sr. Manuel Paulo Marques, secretário da Comissão organizadora, sobre os altos objectivos do Congresso.

Em seguida, o sr. Prof. Dr. Gomes da Silva referiu-se ao relator da tese «Origem e evolução

da Universidade», da autoria do sr. Prof. Dr. Guilherme Braga da Cruz, da Faculdade de Direito de Coimbra, que, por estar de luto recente não a pôde ler, tendo-se encarregado desse trabalho o sr. Prof. Dr. Pires Cardoso, do Instituto de Ciências Económicas e Financeiras.

O sr. Dr. Gomes da Silva classificou de particular interesse

A assistência seguiu com o maior interesse todos os trabalhos

(Continua na 3.ª página)



ASPECTO DA SESSÃO PLENÁRIA DE ONTEM A TARDE

PROGRAMA DE HOJE

As 9 h., na igreja de S. João de Deus: Missa e Comunhão geral, sendo celebrante o sr. Bispo do Porto.

As 11 h., no Instituto Superior Técnico — Reuniões parciais:

- Organizações universitárias de estudantes;
- Condição Económico-social dos estudantes;
- Problemas religiosos e morais dos estudantes;
- O universitário e os problemas de estudo;
- Problemas de vocação e preparação profissionais.

Os Membros da Comissão de Honra, os Membros de Honra do Congresso, os Congressistas Benfeitores e todos os convidados poderão assistir a qualquer destas reuniões parciais, o mesmo se verificando para as reuniões parciais do dia 18 de Abril.

As 15,30 h., no Instituto Superior Técnico — 3.ª reunião plenária: «Vida institucional da Universidade, sendo relator o Prof. Doutor Inocêncio Galvão Telles, da Faculdade de Direito de Lisboa.

Preside a esta sessão o Prof. Doutor José Pires Cardoso, do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

As 18,30 h., no Cinema Império — Primeira exibição em Portugal do filme «Journal d'un Curé de campagne».

PROGRAMA DE AMANHÃ

As 9 h., na Igreja de Nossa Senhora de Fátima — Missa e Comunhão Geral, sendo celebrante o senhor Arcebispo-Bispo de Coimbra.

As 11 h., no Instituto Superior Técnico — Reuniões parciais:

- Apostolado universitário; Universidade Católica; Tipos actuais de Universidade;
- A Mulher na Universidade; Preocupações culturais e ideológicas dos estudantes.

As 15,30 h., no Instituto Superior Técnico — 4.ª reunião plenária: «Responsabilidade social da Universidade», sendo relator o Prof. Eng.º António Sousa da Câmara, do Instituto Superior de Agronomia.

Preside a esta sessão o Prof. Eng.º Alberto Manzaes Abecasis, do Instituto Superior Técnico.

As 21,45 h., no Instituto Superior Técnico — Sarau de Arte, por «Polyphonia» sob a direcção do Cantor-Mór Mário de Sampayo Ribeiro, e pelo pianista Professor Varella Cid.

vidar o Futuro

# O Congresso Nacional da J. U. C.

## ORIGEM E EVOLUÇÃO DA UNIVERSIDADE

(Continuação da 1.ª página)

hístico a tese, afirmando que ninguém estava mais indicado do que o sr. Prof. Braga da Cruz.

Do sr. Prof. Pires Cardoso, entre outras referências altamente elogiosas, disse que era um verdadeiro apostolo do corporativismo, e agradeceu-lhe a gentileza da leitura do referido trabalho.

O sr. Prof. Pires Cardoso agradeceu as palavras do sr. Presidente e imediatamente do começo a leitura do importante trabalho de que damos os seguintes tópicos:

- 1 — Justificação do plano adoptado: contribuir, com os ensinamentos da história, para uma melhor compreensão dos quatro restantes athes fundamentais do Congresso.
- 2 — A Universidade, como criação do espírito medieval:
  - a) — Causas que contribuíram para a sua formação.
  - b) — Diferentes tipos de Universidade, quanto a origem.
  - c) — Completa autonomia institucional da Universidade primitiva (séculos XII e XIII).
- 3 — Primeiras manifestações de declínio da autonomia universitária (séculos XIV e XV). Causas e efeitos.
- 4 — A Reforma protestante utiliza a força política do Estado para opprimir a Universidade, transformando-a num organismo estatal, ao serviço da hearse (século XVI).
- 5 — Vida institucional da Universi-

## FINS DA UNIVERSIDADE

A sessão plenária da tarde principiou às 15 e 45 com a invocação do Espírito Santo.

Na mesa da presidência tomaram lugar os srs. Prof. Fernando Magano, eng. Correia de Barros, dr. António Rodrigues, Prof. Sousa da Câmara, dr. Adérito Sedas Nunes, dr. Domingos Maurício e D. Maria de Lourdes Pintassilgo, Secretário-Geral da J. U. C.

Na primeira fila do vasto salão de máquinas do Instituto Superior Técnico, onde os trabalhos decorrem, sentaram-se os srs. D. Ernesto Sena de Oliveira, Arcebispo-Bispo de Coimbra, D. Manuel Trindade Salgueiro, Arcebispo de Milene, e D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto.

Nas filas imediatas viam-se, além de vários directores de Faculdades das nossas Universidades, professores catedráticos das diferentes especialidades. O resto da grande sala estava cheio de alunos universitários e estudantes de outros estabelecimentos de ensino superior e secundário, na sua maioria juístas.

As primeiras palavras da sessão foram proferidas pelo sr. Prof. Dr. Fernando Magano para apresentar o orador sr. Prof. Eng. Manuel Correia de Barros, director da Faculdade de Engenharia do Porto.

Foram breves as palavras do sr. Prof. Fernando Magano. Apenas as suficientes para afirmar que o sr. Eng.º Manuel Correia de Barros é uma das mais brilhantes inteligências da Engenharia Portuguesa e pode com justiça ser classificado como seu experiente máximo como professor e como técnico.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. Eng.º Manuel Correia de Barros que versou o tema: *Fins da Universidade*.

Disse em resumo o distinto catedrático:

Antes de entrar no assunto desta tese, *os fins da Universidade*, penso dever considerar por uns momentos se não valeria mais tê-lo posto de parte, por não dar lugar a dúvidas, e utilizar o tempo que se lhe consagrou com problemas mais concretos. Realmente, vemos que todos os povos civilizados, desde a Idade-Média, tem criado e mantido Universidades. Poderá admitir-se que, só por rotina ou por espírito de imitação, tantos povos gastem esforço e dinheiro com uma instituição de que não compreendem claramente os fins?

Na realidade, disse, todos estão de acordo em que a Universidade tem por missão essencial e formação dum escól. E quase todos admitem, como função integrante, e de, pela investigação, promover o progresso da ciência. Mas não basta saber que se quer formar um escól; é preciso dizer de que espécie de escól se trata, e qual o objectivo para o qual se quer formá-lo. Uma s outras coisas dependem do conceito que se forme da Universidade; e é este que teremos de discutir.

Os diferentes conceitos do que sejam uma Universidade podem reduzir-se a quatro: o conceito corporativo, o conceito humanístico, o conceito estatista ou totalitário e o conceito profissional ou técnico. Vou procurar expor cada um deles, deixando para o fim o conceito corporativo, mais fácil de compreender depois de expostos os outros.

### Os conceitos humanístico, estatista e técnico

Segundo o conceito humanístico da Universidade, afirmou o ilustre catedrático, o escól que esta tem por função é criar um escól de homens de carácter. Interesse menos o que a

dade católica, ao serviço da Contra-Reforma (séculos XVI e XVII).  
6 — As reformas universitárias do despotismo esclarecido, designadamente a Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra (século XVIII). O ensino universitário como ensino do Estado ao serviço do Estado.  
7 — De Revolução francesa aos nossos dias, crise institucional da Universidade.

Os *síms da Universidade, ao longo da história*.

3 — A missão da Universidade medieval:  
a) — Enamo dos conhecimentos indispensáveis para o exercício das altas profissões.  
b) — Formação dos quadros científicos das disciplinas cultivadas. Papel exercido, a esse respeito, pela escolástica.

4 — Hierarquização dos conhecimentos humanos, dentro dum conceito unitário da ciência.  
9 — O Humanismo abre novos horizontes a missão da Universidade (séculos XV e XVI):  
a) — Integração de novas disciplinas no ensino universitário.  
b) — Desenvolvimento do espírito crítico e rejuvenescimento dos disciplinas tradicionais.

10 — Os fins da Universidade, sob o signo da Reforma e da Contra-Reforma (séculos XVI e XVII):  
11 — A Universidade alarga o seu campo de acção ao ensino das ciências de natureza e a investigação científica (séculos XVII e XVIII).

12 — Sob o signo do utilitarismo, a Universidade perante a Revolução francesa e o Estado liberal do século XIX. Progressiva laicização do ensino universitário e suas consequências.

13 — Como desempenhou a Universidade a sua missão social de colocar a cultura superior ao serviço da comunidade:  
a) — Na Idade Média.  
b) — Desde a Renascença.  
c) — Desde o século XVIII.

15 — Como desempenhou a Universidade a sua missão social de colocar a cultura superior ao alcance de todos os homens, sem distinção de condições sociais e económicas: — A acção histórica dos Colégios universitários.  
16 — Como desempenhou a Universidade a sua missão social de servir a verdade e impedir a difusão do erro.

A *Universidade e a Igreja perante a história*

17 — O que deve a Universidade à Igreja.  
18 — O que deve a Igreja à Universidade.

O sr. Dr. Pires Cardoso foi interrompido várias vezes com os aplausos da magna assembleia que muito apreciou a exposição clara e forte do importante assunto.

Por fim, foram apresentadas duas comunicações. Uma pelo sr. dr. João Evangelista Loureiro, de Ovar, sobre «Colégios Maiores espanhóis», e outra pelo sr. Manuel Cortes Rosa sobre «História e Teoria da Ciência».

Universidade ensina do que as personalidades que forma. O ponto fraco deste conceito, compreendido num sentido restrito, é que, com ele, não cabem na Universidade os que estudam as profissões liberais.  
O conceito estatista, levado ao extremo, como conceito totalitário, é hoje o que vigora nos países onde um Estado despótico subordina toda a nação a uma ideologia, e procura servir-lhe ao mesmo tempo competentes, dóceis, e fanáticos desse ideologia. Dentro desse conceito, o escól que a Universidade deve formar é o das categorias mais elevadas desses servilistas. Os seus incontinentes estão bem a vista de todos nós.

### O conceito técnico

No conceito técnico, o que interessa, disse o sr. Eng. Correia de Barros, não é o homem, nem mesmo um tipo de homem deformado e secretário; interessa o profissional. O escól que a Universidade deve formar é de médicos, engenheiros, etc. Esta maneira de ver traduz-se pelo desprezo da cultura e da formação da mentalidade e do carácter em benefício duma simples aprendizagem profissional.

### O conceito corporativo

Disse depois o sr. Eng. Correia de Barros: O conceito corporativo é o primitivo e sempre o mais autêntico. Nasceu com a Universidade, e, como esta, não prolevo duma ideia preconcebida, mas do desenvolvimento natural das instituições. No período mais fecundo da Idade-Média, as escolas claustrais, encontraram ambiente para tomarem contacto com a vida civil. Daí nasceram as primeiras Universidades, que, conforme os princípios da época, tomaram a forma de federação dos elementos que as constituíam. — de corporação —, e essa corporação exprimitu pelo nome o espírito que a animava: «Universitas magistrorum et scholarium» — Universidade de mestres e alunos.

O conceito corporativo não tem interesse apenas para a época que o criou, pode adaptar-se a todas as épocas e a todos os lugares. E sintetiza tudo o que há de aceitável nos conceitos posteriores. Tudo o que constitui o conceito humanístico se encontra nele, mas alargado. Não exclui da Universidade os que se preparam para uma profissão liberal; por isso engloba também o essencial do conceito técnico. E engloba também esse pressuposto legítimo do conceito estatista de que é preciso formar bons servidores do poder civil.

O orador prosseguiu, dizendo: Por todos esses motivos, o conceito corporativo bem poderia chamar-se, sem mais, conceito universitário, que o é por essência; e onde haja Universidade há vestígios desse conceito.

As velhas Universidades inglesas de Oxford e Cambridge, com os seus «colégios» autónomos onde habitam os estudantes e se fez boa parte do ensino, a beleza do ambiente, os tutores encarregados de acompanhar os estudos dos alunos, tirar as suas dúvidas e aconselhá-los na escolha dos cursos, são exemplos típicos desse conceito, apesar do abalo causado pela Reforma. As próprias Universidades inglesas de fundação recente se subordinam ao conceito corporativo até onde as circunstâncias o permitem.

O conceito corporativo, disse ainda o sr. Eng. Correia de Barros, exige que sejam respeitadas alguns princípios: a liberdade de fundação dos colégios e outros institutos universitários; a residência dos estudantes nos colégios, a não poder ser em casa da família; a assistência pessoal, directa, para aconselhar e orientar o aluno; e continuidade das instituições universitárias; finalmente, a fidelidade de cada instituto universitário ao seu fim particular, como meio de assegurar o fim geral da Universidade a que pertence. O ensino da teologia tem lugar de honra neste conceito; e, em obediência ao último princípio, deve ser autenticamente

Como encarou historicamente a Universidade as suas responsabilidades sociais

13 — A Idade Antiga não tomou perfeita consciência das responsabilidades sociais que impendem sobre os homens de estudo. A formação dessa consciência está, precisamente, na génese do movimento universitário da Idade Média.

14 — Como desempenhou a Universidade a sua missão social de colocar a cultura superior ao serviço da comunidade:  
a) — Na Idade Média.  
b) — Desde a Renascença.  
c) — Desde o século XVIII.

15 — Como desempenhou a Universidade a sua missão social de colocar a cultura superior ao alcance de todos os homens, sem distinção de condições sociais e económicas: — A acção histórica dos Colégios universitários.  
16 — Como desempenhou a Universidade a sua missão social de servir a verdade e impedir a difusão do erro.

A *Universidade e a Igreja perante a história*

17 — O que deve a Universidade à Igreja.  
18 — O que deve a Igreja à Universidade.

O sr. Dr. Pires Cardoso foi interrompido várias vezes com os aplausos da magna assembleia que muito apreciou a exposição clara e forte do importante assunto.

Por fim, foram apresentadas duas comunicações. Uma pelo sr. dr. João Evangelista Loureiro, de Ovar, sobre «Colégios Maiores espanhóis», e outra pelo sr. Manuel Cortes Rosa sobre «História e Teoria da Ciência».

### A serenata dos estudantes no «Auditorium» do I. S. de Agronomia

A encerrar o programa de ontem do I Congresso Nacional da J. U. C., deu nota de singular bri-

teologia da Igreja, sem interferências regalistas.

### O conceito dominante é o técnico

Em Portugal, o conceito dominante é o técnico. Nem o conceito humanístico, nem o corporativo, encontram ambiente. O conceito estatista também não, — esse graças a Deus. — Mas muitos sintomas permitem esperar que vamos assistir a um ressurgimento do conceito corporativo. No Porto, um esforço esclarecido, persistente e cheio de tacto da Rectoria tem conseguido criar verdadeiro espírito universitário, apesar das muitas dificuldades. A Universidade de Coimbra não pode deixar de ter sempre fortes marcas do conceito sob que nasceu. E, em Lisboa, a Oração de Suplicação do ano lectivo corrente na Universidade Técnica teve por título «A Universidade, Instituição Corporativa».

Para se realizar qualquer obra no domínio do espírito, é necessário que o terreno esteja preparado. Se fosse publicada subitamente uma reforma perfeita das Universidades segundo o conceito corporativo, seria muito difícil, neste momento, dar-lhe plena execução por falta de ambiente. Esse somos nós que temos de o criar. Se, com as minhas palavras, tiver corrido pouco que seja para que isso se realize, darei por bem empregado o esforço que me custaram, e de melhor vontade perderei a mim mesmo o tempo que lhes roubei.

Após as prolongadas e entusiásticas palmas que assinalaram o fim do brilhantíssimo trabalho do sr. Eng.º Correia de Barros, o sr. Prof. Dr. Fernando Magano disse que, perante tão excelente lição, apenas podia dizer ao orador: muito obrigado. E deu a presidência ao sr. Prof. Dr. Sousa da Câmara.

O ilustre professor do Instituto Superior de Agronomia disse assunir a presidência por força das circunstâncias pois melhor do que ele dirigiria os trabalhos o sr. Prof. Fernando Magano.

Por falta de tempo, foram lidos a seguir os resumos das comunicações: *A investigação científica na vida universitária*, por Neves e Castro; *A formação intelectual e as exigências de especialização*, por uma equipa de alunos do 2.º ano da Faculdade de Letras de Lisboa; *Meios práticos de realizar a síntese cultural na Universidade*, por Ramiro Lima Monteiro; *História e teoria da ciência universitária*, por José Cortes Rosa e Carlos Martins Portas; *Acção da mulher universitária na formação da personalidade intelectual feminina*, por Celinda Rosa Esteves Lourenço; *Alguns aspectos de introdução de cadeiras de cultura na Universidade*, por Manuel Franco Queiros; *A preparação e o estado cultural do universitário*, por Maria Adelaide da Cruz Calado; *Problemas culturais e ideológicos do universitário*, por Maria da Graça Varela Cid e Manuel Temudo; *Cultura e profissão*, por Maria da Conceição Tavares da Silva; *Universidade, escola de profissionais*, por Etigénia Vilaca Delgado; *Contribuição para o estudo das possibilidades de investigação na Universidade Portuguesa*, por José Keating; *O problema das licenciaturas*, por Aurora de Oliveira Fonseca; *Tentativa de crítica do plano de estudos da licenciatura das ciências físico-químicas*, por Heline Otelo Moraes Neves; *A cultura e a mulher, sua influência recíproca*, por Maria Clotilde Teixeira Rocha; e *A necessidade da especialização do ensino e a formação da personalidade intelectual*.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. Prof. D. Isidoro Martínez e Martínez, do Colégio de S. Pablo, de Madrid, que leu a sua comunicação: O orador falou do espírito dos colégios maiores em Espanha, funções e sentido social dos mesmos; da formação religiosa, do espírito político-social, académico, artístico e desportivo.

Leram depois as suas comunicações os srs. dr. Francisco Pereira de Moura, sobre *A Universidade e a formação intelectual* e traçou o panorama actual da formação dos nossos universitários e alvitrou que professores escolhidos entre os melhores das especialidades façam cursos anuais a que possam assistir todos os alunos dos cursos anuais, a que possam assistir todos os alunos dos cursos superiores; e José Manuel Antelo sobre *Panorama da investigação científica na Universidade Portuguesa actual*. Este disse existir um núcleo de professores que se dedica a problemas de investigação em centros de estudo apropriados, mas que o plano de estudos não obedece a um plano de conjunto e os estudantes são excluídos desse labor pelo que essa preparação não tem continuidade.

Seguidamente o sr. Prof. Sousa da Câmara agradeceu ao sr. Prof. D. Isidoro Martínez e Martínez a sua contribuição com o seu trabalho feliz pelo tema escolhido e pelo brilho com que o desenvolveu.

Por último, envolveu no mesmo agradecimento a todos os alunos que apresentaram comunicações durante a sessão. Todos souberam desenvolver com elevação os temas escolhidos.

E as últimas palavras do sr. Prof. Sousa da Câmara foram do mais rasgado elogio para o trabalho do sr. Eng.º Correia de Barros e para as suas raras qualidades de inteligência e de técnico.

A sessão e terminou com vibrantes vivas e aclamações.

### A serenata dos estudantes no «Auditorium» do I. S. de Agronomia

A encerrar o programa de ontem do I Congresso Nacional da J. U. C., deu nota de singular bri-

teologia da Igreja, sem interferências regalistas.

### O conceito dominante é o técnico

Em Portugal, o conceito dominante é o técnico. Nem o conceito humanístico, nem o corporativo, encontram ambiente. O conceito estatista também não, — esse graças a Deus. — Mas muitos sintomas permitem esperar que vamos assistir a um ressurgimento do conceito corporativo. No Porto, um esforço esclarecido, persistente e cheio de tacto da Rectoria tem conseguido criar verdadeiro espírito universitário, apesar das muitas dificuldades. A Universidade de Coimbra não pode deixar de ter sempre fortes marcas do conceito sob que nasceu. E, em Lisboa, a Oração de Suplicação do ano lectivo corrente na Universidade Técnica teve por título «A Universidade, Instituição Corporativa».

Para se realizar qualquer obra no domínio do espírito, é necessário que o terreno esteja preparado. Se fosse publicada subitamente uma reforma perfeita das Universidades segundo o conceito corporativo, seria muito difícil, neste momento, dar-lhe plena execução por falta de ambiente. Esse somos nós que temos de o criar. Se, com as minhas palavras, tiver corrido pouco que seja para que isso se realize, darei por bem empregado o esforço que me custaram, e de melhor vontade perderei a mim mesmo o tempo que lhes roubei.

Após as prolongadas e entusiásticas palmas que assinalaram o fim do brilhantíssimo trabalho do sr. Eng.º Correia de Barros, o sr. Prof. Dr. Fernando Magano disse que, perante tão excelente lição, apenas podia dizer ao orador: muito obrigado. E deu a presidência ao sr. Prof. Dr. Sousa da Câmara.

O ilustre professor do Instituto Superior de Agronomia disse assunir a presidência por força das circunstâncias pois melhor do que ele dirigiria os trabalhos o sr. Prof. Fernando Magano.

Por falta de tempo, foram lidos a seguir os resumos das comunicações: *A investigação científica na vida universitária*, por Neves e Castro; *A formação intelectual e as exigências de especialização*, por uma equipa de alunos do 2.º ano da Faculdade de Letras de Lisboa; *Meios práticos de realizar a síntese cultural na Universidade*, por Ramiro Lima Monteiro; *História e teoria da ciência universitária*, por José Cortes Rosa e Carlos Martins Portas; *Acção da mulher universitária na formação da personalidade intelectual feminina*, por Celinda Rosa Esteves Lourenço; *Alguns aspectos de introdução de cadeiras de cultura na Universidade*, por Manuel Franco Queiros; *A preparação e o estado cultural do universitário*, por Maria Adelaide da Cruz Calado; *Problemas culturais e ideológicos do universitário*, por Maria da Graça Varela Cid e Manuel Temudo; *Cultura e profissão*, por Maria da Conceição Tavares da Silva; *Universidade, escola de profissionais*, por Etigénia Vilaca Delgado; *Contribuição para o estudo das possibilidades de investigação na Universidade Portuguesa*, por José Keating; *O problema das licenciaturas*, por Aurora de Oliveira Fonseca; *Tentativa de crítica do plano de estudos da licenciatura das ciências físico-químicas*, por Heline Otelo Moraes Neves; *A cultura e a mulher, sua influência recíproca*, por Maria Clotilde Teixeira Rocha; e *A necessidade da especialização do ensino e a formação da personalidade intelectual*.

lhio, e encanto a serenata dos estudantes de Coimbra, presentes no Congresso, levada a efeito no «Auditorium» do Instituto Superior de Agronomia — em plena Tapada das Necessidades — que se encheu por completo predominando académicos de ambos os sexos dos vários estabelecimentos de ensino superior, de Lisboa, com as respectivas famílias.

Nas primeiras filas tomaram lugar vários professores das Universidades Clássica e Técnica; congressistas e outros convidados de representações. Recordamos ter visto, entre outras individualidades, os srs. drs. António Rodrigues e Domingos Maurício, S. J., assistentes da J. U. C. e da J. U. C. F.; dr. Candelária, assistente da Associação dos Jurisconsultos Católicos; e dr. Sezindano Rosa, Assistente-Geral da J. I. C.; Prof. Eng. Belard da Fonseca, director do I. S. Técnico; Professores Oliveira e Sousa e Castro Caldas, do I. S. de Agronomia; o assistente eng. António da Cunha Parro, do mesmo Instituto; Prof. Raul de Carvalho director da Faculdade de Farmácia; Prof. Isidoro Martínez, espanhol; dr. Angel Saria Liana, paraguai; Bernard Decary, secretário-geral da Pax Romana; sr. D. Júlia Guedes, presidente Nacional da J. U. C. F.; Maria da Silveira, assistente da Faculdade de Ciências.

E, então, num ambiente de maravilha, emprestado pelo arvoredo que circunda o recinto, cantaram fados os srs. drs. Jorge Biscaila, Alexandre Herculano e Luis Góis, acompanhados pelos srs. drs. Aurélio Reis, a viola, António Brojo e Jorge Portugal, a guitarra.

Cerca de 2 horas demorou a «Serenata», de fados e guitarradas, escutada com a maior atenção e alegria pelo numeroso público que, no final, aplaudiu entusiasmaticamente.

Estamos aqui para rezar. E começamos litúrgicamente pelo acto mais puro e sublime — o Augusto Sacrifício da Missa.

Em breve Cristo será imolado sobre o altar. Necessário é que nós, como Ele, sejamos vítimas e Sacerdotes.

Este momento representa uma hora grande para a Acção Católica e para a Igreja, ia a dizer que é uma grande hora para o nosso País.

Ontem, em sessão deslumbrante, marcou-se a necessidade do apostolado universitário e verificaram-se algumas condições para realizar esse apostolado.

Neste momento eu queria marcar sobretudo estas convicções que são nossas:

Primeiro: O equilíbrio entre a nossa formação científica e a vossa formação religiosa.

Por força das circunstâncias, tendes de adquirir um critério que vos dará a crítica rigorosa. Vós sereis chamados a resolver questões que serão problemas de vida, que só podem resolver de momento os que possuem uma cultura superior. Tereis de avançar no ramo do saber.

## NA SÉ DE LISBOA

(Continuação da 1.ª página)

ceitam a formosa invocação do Espírito Santo.

### A Missa

Entretanto chegou ao altar o Sr. Arcebispo de Milene. O venerando Prelado, assistido do sr. Padre Dr. Domingos Maurício dos Santos e do seu secretário, Padre Carlos Marques, paramento-se. Começou a Missa. Toda a vasta assembleia, de missal nas mãos, dialogou a Missa, numa cadência que bem denunciava a sua familiaridade com a liturgia. O sr. Padre Dr. António Rodrigues ia explicando alguns passos do Augusto Mistério. Houve febre espiritual na firmeza com que todos recitaram o Glória e o Credo. Aqueles corações manifestavam-se como fundidos num só; não se notava qualquer divisão. Todos como um só corpo e uma só alma.

### A homilia do Sr. D. Manuel Trindade Salgueiro

Terminada a leitura do Evangelho, o Sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, de báculo e mitra, subiu ao púlpito e proferiu substanciosa homilia, rica de ensinamentos, a apontar aqueles novos enramados do mais belo ideal o verdadeiro itinerário da vida.

Damos alguns apontamentos, conforme nos foi possível tomar nota:

Estamos aqui para rezar. E começamos litúrgicamente pelo acto mais puro e sublime — o Augusto Sacrifício da Missa.

Em breve Cristo será imolado sobre o altar. Necessário é que nós, como Ele, sejamos vítimas e Sacerdotes.

Este momento representa uma hora grande para a Acção Católica e para a Igreja, ia a dizer que é uma grande hora para o nosso País.

Ontem, em sessão deslumbrante, marcou-se a necessidade do apostolado universitário e verificaram-se algumas condições para realizar esse apostolado.

Neste momento eu queria marcar sobretudo estas convicções que são nossas:

Primeiro: O equilíbrio entre a nossa formação científica e a vossa formação religiosa.

Por força das circunstâncias, tendes de adquirir um critério que vos dará a crítica rigorosa. Vós sereis chamados a resolver questões que serão problemas de vida, que só podem resolver de momento os que possuem uma cultura superior. Tereis de avançar no ramo do saber.

### O momento da Comunhão impressionou vivamente

Chegou, finalmente, o momento soleníssimo da comunhão. Para atender aos milhares de jovens levaria longo tempo se apenas se distribuisse a Sagrada Eucaristia no altar. Foi necessário armar duas mesas em cada uma das naves laterais. Mesmo assim o acto foi demorado, mas decorreu em ordem, como se impunha. Só se ouviram os passos leves dos que iam e vinham e a voz do Sacerdote.

Seguiram-se orações de acção de graças e no final o canto do hino da Acção Católica com a maior vibração.

Segundo: A formação religiosa acompanha sempre a formação científica? Ouvi há pouco a invocação do Espírito Santo. Comovi-me ao ouvir as vossas orações da manhã.

Há alguma coisa de novo em Portugal? Não foi sempre criança, muitas almas ficaram sempre crianças. Uma cultura de adulto em face dessa pequenez espiritual, produz desequilíbrio. Quantos há ou quantos houve que ficaram com o seu catecismo mal aprendido? A crise religiosa provém de não sabermos dar resposta a problemas. Este desequilíbrio será grave e porventura doloroso. Que não de pensar da nossa fé se não soubermos dar razão do que dizemos acreditar?

Por mercê de Deus, é longo e luminoso o caminho andado.

Rapazes e Raparigas: continuai a estudar os problemas do dogma, da apologetica, os problemas sociais à luz cristã que ilumina todo o homem que vem a este mundo.

Tercero: A harmonia entre a vida intelectual e a vida moral.

Sois maiores na idade, necessário é que o sejam também moralmente. É pelo pecado que se passa da crença para a descrença. Que a vossa vida moral seja exactamente como a vossa vida intelectual.

Eu sei que são graves as dificuldades; o perigo espanta-vos. Quantas vezes queremos subir, mas sentimos os pés presos à terra! E a nossa materialidade, que se reduz ao vosso egocentrismo.

Há dias, tive o prazer de verificar que Gustavo Thibon pensa da mesma maneira.

Em todos os nossos estremeções encontramos-nos a nós mesmos. Bem sei que se faz apelo à nossa dignidade; e isso não será o nosso orgulho?

Queridos universitários católicos: procurai a harmonia da vossa vida moral com a vossa vida intelectual.

Trazemos sobre os nossos ombros as próprias responsabilidades da Igreja, porque o mundo não sabe distinguir as fraquezas do cristão, da posição da Igreja.

Portadores de Cristo não esqueçamos de marcar a posição de Cristo em toda a parte.

Para vivermos assim, necessitamos de uma profunda vida interior.

O sr. Dr. Manuel Trindade Salgueiro referiu-se à atitude dos materialistas e continuou:

Para sermos humildes e absolutamente cristãos, temos de fazer apelo às nossas forças e ao concurso da Graça.

Paulo semeou, mas Deus é que deu o incremento.

Outra coisa não significa a pesca milagrosa de que nos fala o Evangelho. Por nós será difícil o trabalho, mas com Deus tudo podemos. Não há sacrifícios inúteis com Deus e por Deus. Os frutos não surgem. Não tenhais medo de mostrar o que sois interiormente: vida de oração, vida cristã. Sede homens de oração, toda a vida. Então estareis prontos para as grandes empresas do sangue e do martírio.

Citou o exemplo de um ilustre professor da França que, para receber os Últimos Sacramentos, quis que assistissem os seus últimos. Lição profunda de vida foi essa, que decerto iluminou a alma dos alunos por toda a existência.

Rapazes e raparigas: Nenhum de vós deixará o mundo como encontrou, mas sempre mais rico ou mais pobre. Ai de nós, e o deixarmos mais pobre! Por Deus, tenhamos de o deixar mais rico. E este Congresso, que é um florir de sacrifícios, levat-nos-a colocarmos lealmente a nossa consciência ao serviço de Cristo.

Procuramos Cristo e Ele atenderá os nossos apelos e a nossa devoção.

A Missa prosseguiu. Apenas o Celebrante chegou ao altar dois jovens dirigentes das secções da J.U.C. de Lisboa fizeram entrega de matéria do Sacrifício. Em fila, um a um, aproximaram-se do Venerando Prelado e cada qual fazia entrega do que lhe foi dado conduzir.

Instante igualmente comvente foi a Elevação. Corpos dobrados para a terra, no mais perfeito sentido de humildade, em frente de Jesus-Hóstia erguido ao altar nas mãos do Oficiante a receber a adoração das milhares de almas juvenis que ali confessavam a sua fé e a Realeza de Cristo.

O momento da Comunhão impressionou vivamente

Chegou, finalmente, o momento soleníssimo da comunhão. Para atender aos milhares de jovens levaria longo tempo se apenas se distribuisse a Sagrada Eucaristia no altar. Foi necessário armar duas mesas em cada uma das naves laterais. Mesmo assim o acto foi demorado, mas decorreu em ordem, como se impunha. Só se ouviram os passos leves dos que iam e vinham e a voz do Sacerdote.

Seguiram-se orações de acção de graças e no final o canto do hino da Acção Católica com a maior vibração.



ndação Cuidar o Futuro

Novidades - 17-IV



Fundação Cuidar o Futuro